

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
CENTRO DE LETRAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CAMPUS CORNÉLIO PROCÓPIO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS -
PROFLETRAS**

FLÁVIA DE PAULA GRACIANO NISCO

**PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE
LITERATURA INDÍGENA**

Cornélio Procópio – PR.

2018



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
CENTRO DE LETRAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CAMPUS CORNÉLIO PROCÓPIO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS -
PROFLETRAS**

FLÁVIA DE PAULA GRACIANO NISCO

**PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE
LITERATURA INDÍGENA**

Proposta Pedagógica apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Estadual do Norte do Paraná, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof^a. Dra. Nerynei Meira Carneiro Bellini.

Cornélio Procópio – PR.

2018

PROPOSTA PEDAGÓGICA

Fundamentada na teoria de Cosson (2014), serão apresentadas atividades aos professores interessados na temática indígena, ou seja, um modelo de Sequência Expandida da obra *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*, do escritor indígena Daniel Munduruku (2005). Nela, o professor poderá desenvolver um trabalho que tem por objetivo principal promover o Letramento Literário. O trabalho é direcionado aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II.

Obra: *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória* (2005), de Daniel Munduruku (2005).

Público Alvo: Anos finais do Ensino Fundamental II.

Duração: Aproximadamente 30 horas/aula.

1. MOTIVAÇÃO

De acordo com Cosson (2014, p.79), é necessário “estabelecer o objetivo, aquilo que se deseja trazer para os alunos como aproximação do texto a ser lido depois”. Neste sentido, o objetivo desta etapa é apresentar aos alunos diversas imagens de indígenas, em vários contextos, no passado e no presente, para introduzir a discussão sobre o papel que eles desempenham hoje em nossa sociedade.

Atividade 1: (2 aulas)

Mostrar aos discentes diversas imagens de indígenas em vários contextos, no passado e no presente, para introduzir a discussão sobre o seu papel na nossa sociedade contemporânea. A discussão será feita de forma investigativa, para observar a visão dos alunos em relação ao indígena, sobre o que eles sabem ou imaginam como é/foi a vida dos povos indígenas. Utilizarei questionamentos tendo como base a pesquisa de Ludmila Martins Ligório (2012), que investigou em uma escola as representações dos alunos do Ensino Fundamental sobre os povos indígenas, em Porto Alegre:

- Quando falamos em povos indígenas, o que vem primeiramente em sua mente?
- Como você imagina a vida de um indígena atualmente?
- Como você imagina a vida de um indígena antigamente?
- Você acha que mudou alguma coisa hoje ou eles permanecem da mesma forma que no passado?

As figuras a seguir serão apresentadas em forma de slides para que os jovens reconheçam e discutam acerca das mudanças ocorridas durante séculos, bem como observem que a presença do indígena também ocorre em outros países. As figuras 1 e 2 representam os indígenas norte-americanos. Nelas, poderão ser exploradas as origens desses povos, bem como se questionar sobre o que sabem acerca do “velho oeste”. Já, nas figuras 3 e 4, há a representação dos indígenas na época do descobrimento do Brasil. Nessas figuras pode-se questionar a visão dos portugueses em relação aos indígenas, a que tais imagens remetem, enfim, diversas ideias podem surgir em relação à apresentação. Caberá ao professor criar possibilidades de interpretação para as mesmas. O termo estereótipo também deve ser explorado nessa fase para que não haja dúvidas acerca do tema que será trabalhado futuramente.

Nas figuras 5, 6, 7, 8 e 9, serão apresentados alguns povos indígenas existentes em nosso país, nos dias atuais. Neste momento, será pertinente explicar também aos alunos que, de acordo com Luciano (2016), os indígenas não gostam de ser chamados de índios, para eles tal expressão remete a um termo pejorativo originário da expedição do italiano Cristóvão Colombo, que almejava viajar em direção às Índias, no continente asiático, mas, por um equívoco, chegou na América, em 1492:

Castigada por fortes tempestades, a frota ficou à deriva por muitos dias até alcançar uma região continental que Colombo imaginou que fossem as Índias, mas que na verdade era o atual continente americano. Foi assim que os habitantes encontrados nesse novo continente receberam o apelido genérico de “índios” ou “indígenas” que até hoje conservam. Deste modo, não existe nenhum povo, tribo ou clã com a denominação de índio. Na verdade, cada “índio” pertence a um povo, a uma etnia identificada por uma denominação própria, ou seja, a autodenominação, como o Guarani, o Yanomami etc. (LUCIANO, 2016, p.30).

É interessante ressaltar aos alunos que os indígenas gostam de ser reconhecidos como um povo, denominados pela sua localidade, como, por exemplo, o autor da obra que será lida: Daniel Munduruku.

Figura 1: *American Old West.*



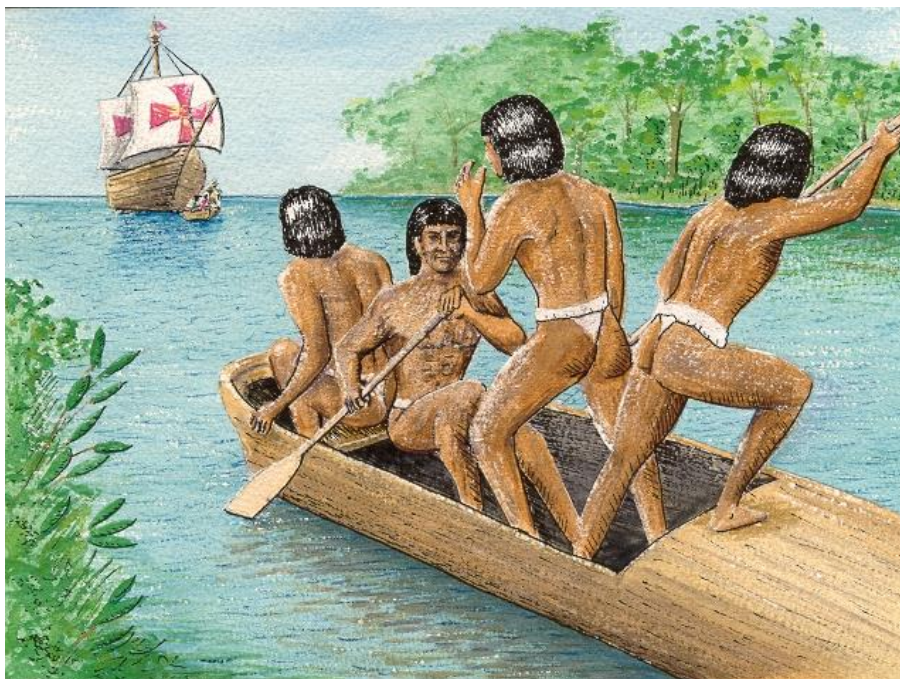
Fonte: Disponível em: <<https://www.desktopnexus.com/groups/american-old-west/image/1450865/>> Acesso em: 14 set.2017.

Figura 2: *Native American.*



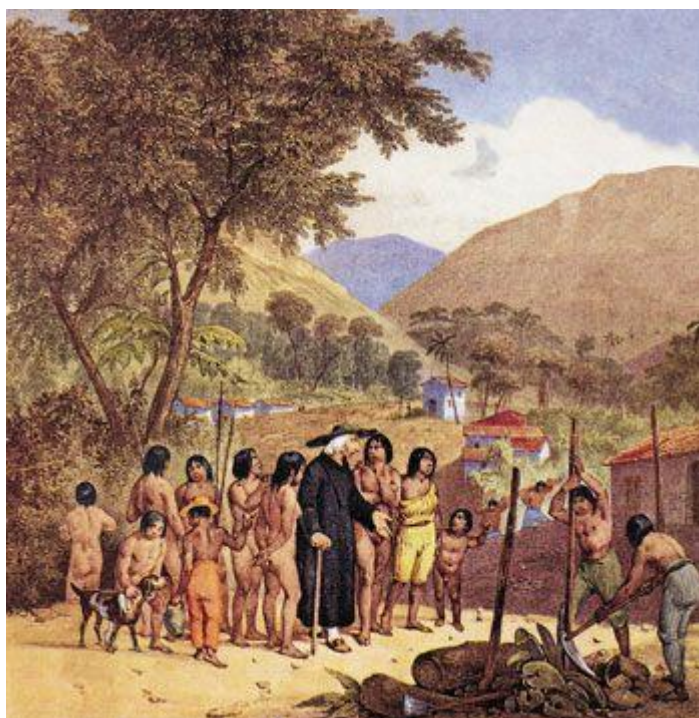
Fonte: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/114419646756492308/>>. Acesso em: 14 set. 2017.

Figura 3: Vida dos Índios de 1500.



Fonte: Disponível em: <<https://www.colegioweb.com.br/curiosidades/vida-dos-indios-de-1500-aos-dias-de-hoje.html>>. Acesso em: 14 set. 2017.

Figura 4: *Presos ao passado.*



Fonte: Disponível: <<http://www.revistaeducacao.com.br/presos-ao-passado/>>. Acesso em: 14 set. 2017.

Figura 5: *Arikapu*.



Um grupo familiar em Baía das Onças.
Foto: Hein van der Voort, 2001.

Fonte: Disponível em: <<https://img.socioambiental.org/v/publico/arikapu/>> Acesso em: 14 set. 2017.

Figura 6 :*Guarani-nandeva*.



Liderança guarani ñandeva com Ailton Krenak na Terra Indígena Itariri (Serra do Itatins). Foto: acervo do ISA (sem autor), 1984.

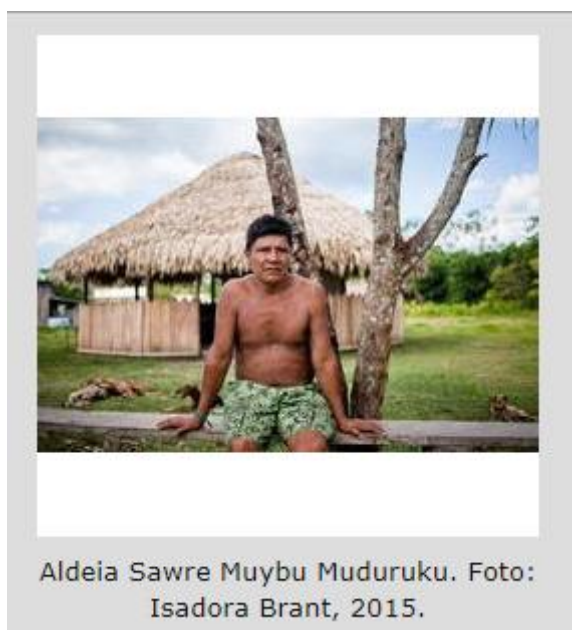
Fonte: Disponível em: <<https://img.socioambiental.org/v/publico/guarani-nandeva/>> Acesso em: 14 set. 2017.

Figura 7: *Kaingang*.



Fonte: Disponível em: <<https://img.socioambiental.org/v/publico/kaingang/>> Acesso em: 14 set. 2017.

Figura 8: *Aldeia Munduruku*.



Fonte: Disponível em: <<https://img.socioambiental.org/v/publico/Munduruku/>> Acesso em: 14 set. 2017.

2. INTRODUÇÃO

De acordo com Cosson (2014, p.60), são necessários alguns cuidados ao se tratar da introdução. Ela não deve se estender tanto, porém é nela que se menciona a obra que será lida e o professor “não pode deixar de apresentá-la fisicamente aos alunos”. O autor sugere diversas estratégias para a apresentação da obra para que a introdução seja efetivamente bem elaborada: “a seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio, até como uma possível demanda da leitura, outras incursões na materialidade da obra” (COSSON, 2014, p.61). Com isso, espera-se que na introdução ocorra uma significativa receptividade em relação a obra que será lida, para que, em seguida, o professor se direcione para a próxima etapa, a leitura.

Atividade 2 (2 aulas)

Nesta etapa será apresentado aos alunos um vídeo¹ sobre Daniel Munduruku. A partir do vídeo, os alunos poderão ter uma noção rápida e didática sobre como tem sido a inserção do escritor indígena nas escolas. Em seguida, o autor é apresentado de forma mais específica, atrelado à obra. Nesta etapa os alunos receberão os exemplares para a apreciação visual da obra, ou seja, exploração da capa, imagem, ilustrações, título. Concomitantemente à atividade, serão apresentados, em forma de slides, questionamentos sobre as expectativas que os alunos possuem em relação ao título e, ainda, a apresentação de uma breve definição sobre o significado de “memória” em uma obra literária. Essa definição será apreendida do Caderno de Memórias, disponibilizado aos professores participantes das Olimpíadas de Língua Portuguesa (2016), visto que a mesma é baseada neste gênero:

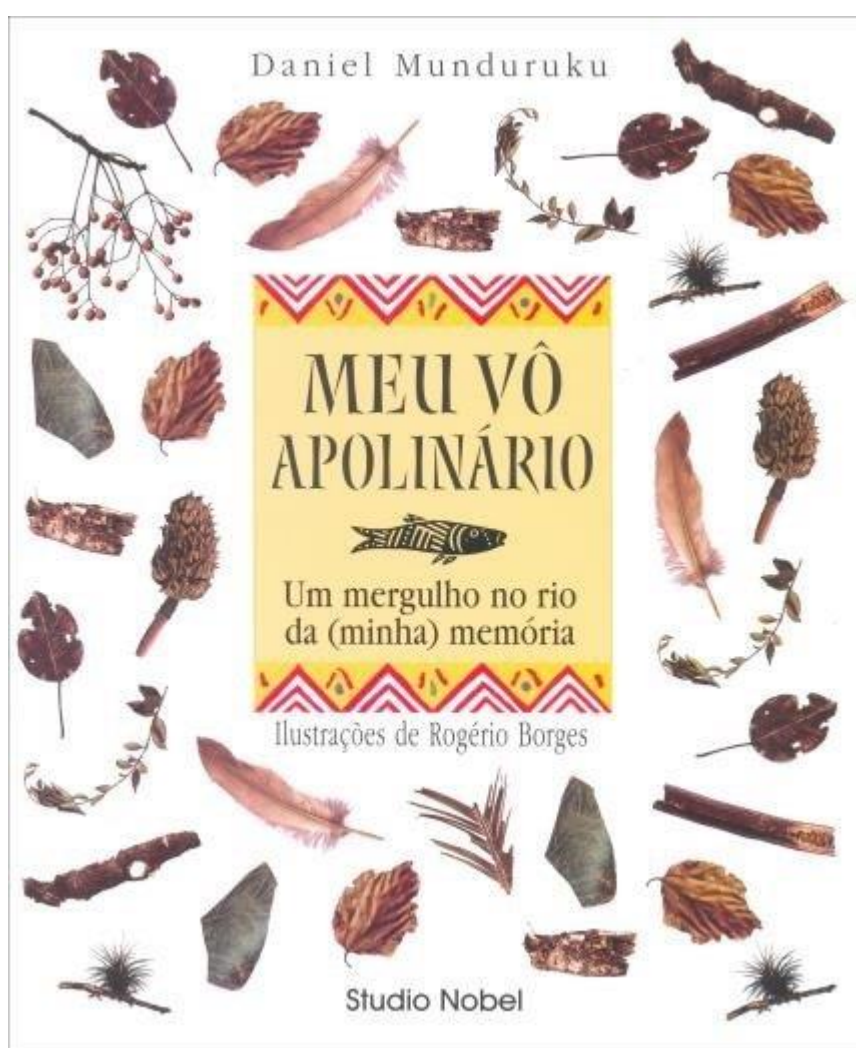
Memórias literárias geralmente são textos produzidos por escritores que, ao rememorar o passado, integram ao vivido o imaginado. Para tanto, recorrem a figuras de linguagem, escolhem cuidadosamente as palavras que vão utilizar, orientados por critérios estéticos que

¹ Vídeo, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e6-RjNyV6lo>>.

atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias. As narrativas, que têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor do passado, são contadas da forma como são lembradas no presente (CADERNO DE MEMÓRIAS, 2016, p.19).

Por meio da definição anterior serão elaboradas questões acerca do título e da capa do livro:

Figura 9: Capa do livro *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*.



Fonte: Livro impresso.

- 1) O que você observou na capa do livro que remete à definição de memória, dada anteriormente?
- 2) Quais memórias poderão ser encontradas neste livro?

3) Quais temas você acha que serão abordados nesta história?

Após o questionamento, será apresentada uma breve biografia do autor

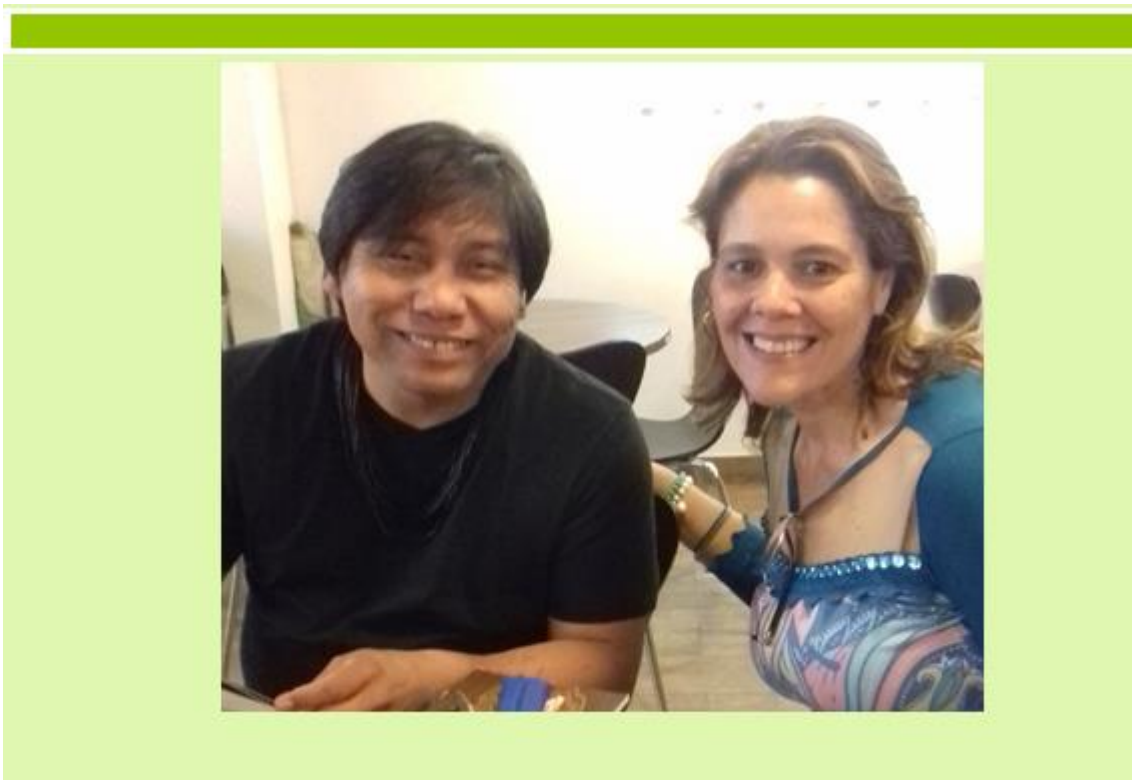
Daniel Munduruku em slides:

O ESCRITOR



- **Daniel Munduruku** é um escritor indígena nascido no Pará, graduado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia.
- Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), pós-doutor em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

- Autor de mais de 50 livros para crianças, jovens e educadores, recebeu diversos prêmios no Brasil e no exterior, dentre eles: Prêmio Jabuti, da Academia Brasileira de Letras, Érico Vanucci Mendes e o Prêmio Tolerância (outorgado pela UNESCO).
- Muitos de seus livros receberam o selo “Altamente Recomendável”, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora em 26/11/2016.

Após as apresentações dos slides anteriores, os alunos já terão uma ideia sobre a leitura que irão fazer. Talvez alguns pensamentos já comecem a ser “desentortados”, como diz o próprio autor Daniel Munduruku. A apresentação dos slides intenta demonstrar aos alunos que eles também terão a oportunidade de se aproximar de Munduruku, pois ele se disponibiliza a dar palestras em escolas, pessoalmente, ou por web conferências.

3. LEITURA

Nesta atividade serão estipulados prazos para a leitura da obra. De acordo com Cosson (2014, p.62), “a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista”. O autor também sugere que sejam feitos os intervalos, que são atividades mais específicas acerca da obra. Como se trata de uma obra não extensa, os capítulos serão divididos em três

intervalos, a fim de retomarmos a leitura e verificarmos a apreciação da mesma.

Atividade 3: (EXTRACLASSE)

1º INTERVALO:

Leitura dos três primeiros capítulos (atividade extraclasse): A raiva de ser índio, Maracanã e Crise na cidade.

Atividade 4: (2 aulas)

Para a checagem da leitura serão elaborados alguns questionamentos acerca dos capítulos lidos. Nesses três primeiros, a personagem sofre com a rejeição de seus colegas e com o preconceito por ser “índio”. Será feita uma dinâmica com os alunos a fim de se “colocar no lugar do outro”, pedindo para que registrem sobre o que fariam se estivessem no lugar da personagem.

Após o registro, serão trocadas ideias, a seguir elencadas em um mural para a apreciação de todos.

Questões para a checagem da leitura:

- 1) Você sabe definir a palavra *bullying*?
- 2) Que relação tem essa palavra com a personagem da história?
- 3) Que tipo de preconceito você percebeu na leitura com relação à personagem?
- 4) Por que o indígena sentia “raiva de ser índio”?
- 5) Em que momentos a personagem se sentia bem?
- 6) Há um momento em que a personagem se apaixona, mas não é bem sucedido. Você já passou por esse tipo de situação? Comente.
- 7) Em relação à estrutura dos capítulos, como você pode definir o tipo de personagem desta obra?
- 8) Em que época é narrada a história?
- 9) Que diferenças você encontrou nesta personagem que chamou sua atenção?

Atividade 5: (2 aulas)

Será proposta uma palestra interdisciplinar, com um educador da disciplina de Sociologia, sobre diversidade e preconceito (título a definir) para que o assunto seja aprofundado pelos alunos. Nela, eles deverão elaborar um relatório sobre suas impressões acerca do tema e correlacioná-lo à narrativa em pauta.

2º INTERVALO:

Nesta segunda etapa serão lidos os capítulos “O vô Apolinário”, “A sabedoria do rio” e “O voo dos pássaros”.

Esses três capítulos estão diretamente interligados às mudanças da personagem, assim como ao seu relacionamento com o avô.

Atividade 6: (1 aula)

A aula será iniciada com a seguinte indagação escrita no quadro de giz:

“Que importância seus avós têm/tiveram em sua vida?” Neste momento, os alunos serão instigados a comentar sobre seus relacionamentos com os avós ou com os idosos, de modo geral. Deverão também fazer comentários sobre suas impressões acerca do relacionamento da personagem com o avô na narrativa, registrando os aspectos positivos e negativos sobre o mesmo.

Após os comentários e registros apresentados, os alunos serão convidados a assistirem a um vídeo² no qual Daniel Munduruku relata sobre sua infância, a importância de seu avô e as dificuldades que encontrou ao mudar para a cidade.

Atividade 7: (extraclasse)

Antes de apresentar a atividade aos alunos, lembrá-los do gênero entrevista:

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J_cwwHRhRw4>.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação (MEDINA, 1990, p. 8).

Entrevista com avós:

Os alunos deverão fazer uma entrevista informal com seus avós ou com idosos próximos a eles, indagando sobre recordações mais marcantes, observando se os mesmos relembram algo de sua infância, adolescência ou juventude. Poderão registrar via áudio ou por escrito, para posterior apreciação em sala de aula.

Atividade 8: (2 aulas)

Sabe-se que, além da presença da natureza, característica marcante nas obras de Munduruku, existem também outros aspectos que devemos resgatar para que a leitura não se limite apenas ao momento de fruição. Visto que o gênero presente nesta obra é Memória Literária, serão exploradas algumas questões acerca dele.

A seguir, serão apresentadas atividades que podem ser trabalhadas, utilizando o gênero memória, bem como explorar algumas características presentes na leitura sobre diversidade cultural.

- 1) Observe algumas características do gênero Memórias Literárias ³e reescreva em seu caderno passagens do livro que se encaixam nas que serão elencadas a seguir:
 - a) O autor se desdobra em narrador e personagem, num jogo literário muito sutil, narrando os fatos de uma época, olhando-a do ponto de vista de observador geral dos momentos que narra, mas também olhando para si mesmo como personagem que viveu os acontecimentos narrados, recriados pelas lembranças suas e dos outros.

³ Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1339/o-genero-memorias-literarias>>.

- b) Os autores usam a língua com liberdade e beleza, preferindo o sentido figurativo das palavras, entre outras coisas.
- c) Uma vez que o autor lembra, ele usa verbos que expressam o ato de lembrar para mostrar esse vai-e-vem da memória: "rememorar", "reviver", "rever". Esses verbos são usados, ora no presente, ora no pretérito.
- d) Quando é narrador, o autor fala das lembranças como um todo; quando é narrador-personagem, fala de si, muitas vezes pela voz de outros personagens que evoca.
- 2) O que mais você percebeu na leitura feita que lhe remete à memória da personagem?
- 3) Você acha que a obra foi escrita a partir da vivência do narrador ou com base no depoimento de alguém? Justifique.
- 4) Que ideia é passada pelo narrador sobre a aldeia em que ele vivia? Dê exemplos.
- 5) Para você, quais são as melhores memórias do garoto indígena?
- 6) Discuta com seus colegas sobre a entrevista feita com os avós/idosos, elaborada em casa.
- 7) O que mais você percebeu na leitura feita que lhe remete à memória da personagem?
- 8) Observe o quadro a seguir e complete de acordo com o que o narrador relatou na história sobre a cultura indígena, comparando-a com a sua cultura:

	<i>Cultura indígena</i>	<i>Cultura ocidental</i>
Como dormem		
Tomar banho		
Relacionamento com a natureza		
Relacionamento com os avós		
Lembranças da infância		
Significado da noite		

Significado do rio		

Atividade 9: (1 aula)

Nesta atividade, os alunos lerão o conto de Daniel Munduruku (2006) “As pegadas do Curupira” (ANEXO 2). A partir dele, deverão fazer uma pesquisa de uma lenda sobre o Curupira e relacioná-la com o conto:

Questões:

- 1) Que diferenças e semelhanças você encontrou na lenda que pesquisou relacionadas ao conto “As pegadas do Curupira?”
- 2) De acordo com o narrador, existe ou não o Curupira? Justifique.
- 3) Em que local se passa a história?
- 4) Antes da personagem se perder, ele a teve alguns indícios de que algo aconteceria com ele. Quais eram esses indícios?
- 5) Qual foi a reação dos pais dos indígenas ao encontrarem os filhos?
- 6) Se você estivesse no lugar da personagem de que forma você tentaria sobreviver?
- 7) Que relação teve a história com o “não querer tomar banho” da personagem?
- 8) Na obra *Meu vô Apolinário*: um mergulho no rio da (minha) memória, a personagem reconta uma experiência que teve com o curupira. Em qual capítulo ela a relata? Você encontrou semelhança com o conto que leu? Justifique.

3º INTERVALO

Neste intervalo, os alunos terão que ler o último capítulo da obra, “Apolinário se une ao grande rio”. Nele ocorre o momento em que o narrador-

personagem se reconhece como indígena e supera alguns de seus desafetos e angústias.

Atividade 10: (1 aula)

Interpretação

- 1) De que maneira o avô da personagem fez com que ele aceitasse a ideia de ser índio?
- 2) Quanto tempo se passou para que ocorresse essa aceitação? Releia o último capítulo do livro e descreva a parte em que o narrador relata esse tempo.
- 3) Explique o que o avô quis dizer ao neto quando respondeu à indagação do menino sobre “o que era ser índio”:
“É ter uma história que não tem começo, nem fim. É viver o presente como um presente, uma dádiva de Deus”. (p.36).
- 4) Durante a história, a personagem recebe muitos ensinamentos do avô e muitos em forma de símbolos. Um deles é o símbolo que remete aos pássaros. Que significado tem os pássaros para os indígenas?
- 5) Você já passou por alguma dificuldade que conseguiu superar depois de algum tempo? Caso a resposta seja afirmativa, foi necessária a ajuda de alguém?
- 6) Você acredita que os mais velhos podem ajudar os mais novos a superarem problemas? Por quê?
- 7) Qual a importância do avô para a personagem da história?

4. INTERPRETAÇÃO

Cosson explana que

[...] no campo da literatura ou mesmo das ciências humanas, as questões sobre a interpretação e seus limites envolvem práticas e postulados tão numerosos quanto aparentemente impossíveis de serem conciliados, até porque toda reflexão sobre a literatura traz implícita ou explicitamente uma concepção do que seja uma

interpretação ou de como se deve proceder para interpretar textos literários (COSSON, 2014, p.64).

Desse modo, para uma melhor apreensão da obra, ele subdividiu esta etapa e a nomeou de primeira e segunda interpretação.

4.1 PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO

Neste momento, a primeira interpretação “deve ser vista, por alunos e professor, como o momento de resposta à obra, o momento em que, tendo sido concluída a leitura física, o leitor sente a necessidade de dizer algo a respeito do que leu” (COSSON, 2014, p.84). Como foi visto anteriormente no capítulo sobre a sequência expandida, a primeira interpretação subdivide-se em contextualizações. Para esta sequência, foram selecionadas três das contextualizações sugeridas por Cosson que a seguir serão elencadas.

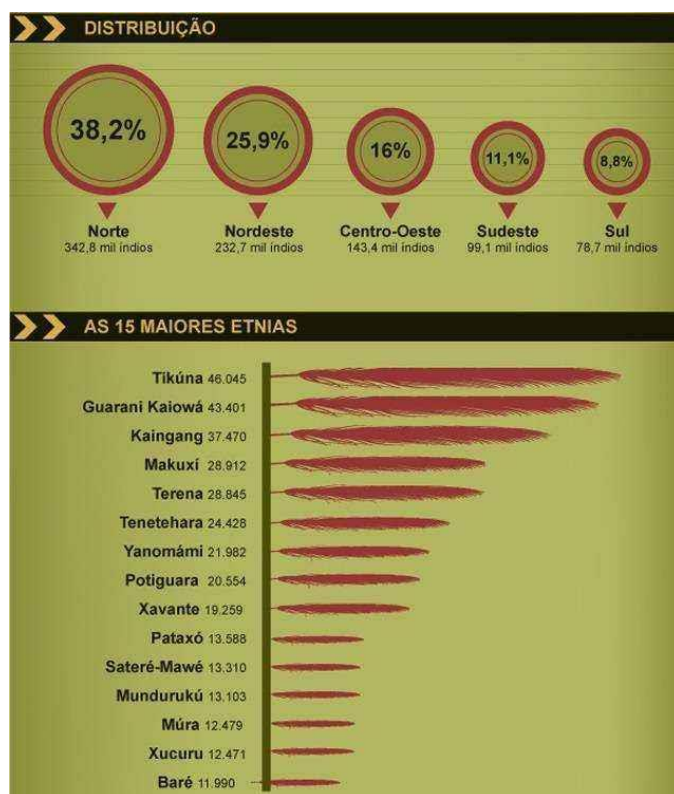
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA:

A contextualização histórica, de acordo com Cosson (2014, p.87), “visa relacionar o texto com a sociedade que o gerou ou com a qual ele se propõe a abordar internamente”. Neste sentido, serão trabalhados, com os alunos, os aspectos relacionados à historicidade indígena, confrontando-a com a situação atual.

Atividade 11: (3 aulas)

- 1) Os discentes farão uma pesquisa no laboratório de informática sobre os indígenas na época do descobrimento, porém, serão divididos em quatro grupos e cada grupo deverá apresentar e debater os seguintes temas, após a pesquisa:
 - a) Costumes
 - b) Como viviam e eram tratados?
 - c) Religiosidade
 - d) Crenças

- 2) Para ilustrar o tema sobre os indígenas, na época do descobrimento, os alunos ouvirão a música “Índios” (ANEXO 1) do grupo musical *Legião Urbana*. Após, farão a leitura e análise da letra, considerando o que encontraram de semelhante entre a realidade daquela época e a atual. A pesquisa será feita no laboratório de informática.
- 3) Será apresentado um quadro atual, por meio de slides, com a distribuição dos povos indígenas no Brasil, para que analisem e observem onde está a maior concentração dos povos indígenas:



Disponível em: <<https://www.zun.com.br/como-vivem-os-indios-atualmente/>>. Acesso em: 18 out. 2017.

- 4) A partir da análise feita, os alunos lerão o conto “Do mundo do centro da terra ao mundo de cima” (ANEXO 1), de Daniel Munduruku, que explica sobre a história do povo Munduruku.

Nesta atividade, farão uma interpretação da história, por meio de questões:

- 1) De acordo com o glossário, Karú – Sakaibê é o nome dado ao criador do povo Munduruku. Que semelhanças você percebeu na história com relação à religião ocidental? Registre em seu caderno.
- 2) Como viviam os indígenas Munduruku?
- 3) Karú criou somente o povo Munduruku? Justifique com uma passagem do texto.
- 4) Para você, que mundos são estes citados pelo autor: “Do mundo do centro da terra ao mundo de cima”?

Para saber mais: o professor sugere a leitura desta coletânea de contos disponível na biblioteca do Colégio. MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros**. São Paulo: Global, 2005.

Na contextualização poética existem diversas categorias a serem exploradas. Neste caso será dada ênfase aos personagens indígenas neto e avô.

Atividade 12: (2 aulas)

Você pode perceber que a personagem indígena é também um personagem-narrador, ou seja, ele também participa da história como protagonista. Por isso, durante toda a leitura, percebem-se, nele, inúmeras mudanças e características marcantes. A partir da sua leitura, responda as seguintes questões relacionadas à personagem:

- 1) De todas as mudanças ocorridas na vida do garoto indígena, qual foi a mais significativa para você?
- 2) Descreva como era a personagem fisicamente e relate o porquê dela não gostar de sua aparência.
- 3) Que qualidades você atribui à personagem do livro?
- 4) Que atitudes da personagem não lhe agradaram?
- 5) A personagem serve-se de suas vivências para construir a narrativa?
- 6) Que diferenças você encontrou na personagem indígena que você não encontraria em uma criança/adolescente não indígena?

- 7) Você se identificou em algum momento com essa personagem? Justifique.

PERSONAGEM AVÔ (APOLINÁRIO)

- 1) Apesar de Apolinário aparecer somente no terceiro capítulo da obra, o narrador dá uma justificativa para o mesmo. Que justificativa é essa?
- 2) Quais características mais expressivas possuía Apolinário?
- 3) Apesar de Apolinário ser uma personagem bastante silenciosa, ele demonstrava muita sabedoria em seus ensinamentos. Para você, qual foi o maior ensinamento dado pelo avô nesta história?
- 4) Em que momento Apolinário diz ao neto que “sua hora havia chegado?”
- 5) De que forma Apolinário contribuiu para o crescimento interior do neto?

CONTEXTUALIZAÇÃO PRESENTIFICADORA:

Nesta contextualização, o professor deve chamar a atenção do adolescente para a obra. Deve encontrar meios que levem o aluno a se interessar pela leitura de modo que a relacione com a sua realidade atual. Devem-se questionar, nesta etapa, os caminhos a serem percorridos para que ocorra uma efetiva aproximação com a obra.

Atividade 13: (2 aulas)

A obra *Meu vô Apolinário*: um mergulho no rio da (minha) memória, do escritor indígena Daniel Munduruku (2005), nos leva à discussão o papel do idoso em uma sociedade e sua importância para os infantes. Nesta etapa, o professor apresenta aos alunos o conto de Mia Couto “Nas águas do tempo” que também retrata o relacionamento do neto com o avô e as influências

recebidas no decorrer do tempo. Porém estabelece algumas noções sobre o gênero biografia.

1) Apresentar aos alunos uma breve biografia do escritor:



Mia Couto nasceu na Beira, em Moçambique, em 1955, e é um dos principais escritores africanos em atividade. Seu romance *Terra sonâmbula* foi considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. Em 1999, o autor recebeu o prêmio Vergílio Ferreira pelo conjunto de sua obra e, em 2007, o prêmio União Latina de Literaturas Românicas. A Companhia das Letras vem publicando toda a sua obra.

Fonte: Disponível em: COUTO, Mia. *Estórias Abensonhadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

2) Apresentar algumas características do gênero biografia:

Características da biografia

Podemos afirmar que na biografia:

- ☐ os acontecimentos devem estar ordenados em sequência temporal, ou seja, do mais antigo para o mais recente;
- ☐ deve haver um trabalho prévio de seleção das informações, que possam ser consideradas relevantes para o leitor.
- ☐ deve-se evitar julgamentos de valor, expressões adjetivas que indiquem a opinião do autor a respeito das informações que apresenta.

Fonte: Disponível em: <http://ccmc1ano.blogspot.com.br/2013/03/genero-textual-biografia.html>

3) Perguntar aos alunos se ouviram falar sobre Literatura Africana, se já leram alguma obra sobre o tema. Indagar, ainda, se eles encontraram

características parecidas no conto de Mia Couto em relação à obra indígena de Daniel Munduruku.

- 4) Pedir a eles que, durante a leitura do conto, grifem as palavras desconhecidas para o estudo do vocabulário.
- 5) Completar o quadro a seguir, marcando um X nas colunas “semelhanças” e “diferenças”, conforme os temas encontrados na obra de Daniel Munduruku *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória* em relação ao conto “Nas águas do tempo”, de Mia Couto.

	HÁ SEMELHANÇA	NÃO HÁ SEMELHANÇA
Relação de cumplicidade entre avô/neto		
Histórias fantásticas contadas pelo avô		
Personagem-narrador		
Mãe preocupada com a influência do avô em relação ao neto		
Crenças em seres mitológicos		
Vocabulário repleto de metáforas		
Narrativa em forma de Memória Literária		
Forte ligação com a margem do rio		
Morte do avô		

CONTEXTUALIZAÇÃO TEMÁTICA:

Existem diversos temas na obra de Munduruku que podem ser trabalhados, porém, “não pode entreter-se apenas com o tema em si, mas sim com a repercussão dele dentro da obra” (COSSON, 2014, p.90). Assim, o primeiro tema é relacionado com a prática do *bullying*, que se transformou em um termo constante nas escolas de nosso país e do mundo. Infelizmente, temas como esse, muitas vezes, podem parecer “clichês” se abordados sem um propósito. No entanto, a obra de Daniel Munduruku relata a vivência real de

um garoto indígena que sofreu, por vários anos, *bullying* simplesmente por ter uma cultura diversa dos demais.

É sabida a luta do escritor contra os diversos estereótipos existentes acerca do indígena, portanto, vale também evidenciar aos alunos as consequências que podem causar ao outro quando desconhecemos e desrespeitamos-lhes a cultura, o modo de pensar, os sentimentos, os valores e os ideais.

Outra temática a ser trabalhada é a cultura indígena em questão. Conhecer e presenciar como vivem os indígenas na atualidade é uma experiência grandiosa para os alunos e, por isso, será organizada uma visita a uma aldeia indígena que se localiza em São Jerônimo da Serra (PR) a 70 km de Cornélio Procopio. Nela, encontraremos o Colégio Estadual Cacique Kofej, que une as etnias Guarani, Kaingang e Xetá. Nessa aldeia é possível conhecer seus costumes, artesanatos, danças, organização escolar, bem como visitar diversas paisagens naturais.

Os indígenas que habitam a região são receptivos às visitas escolares e, diversas vezes, já vieram a Cornélio Procopio, com o objetivo de divulgar sua cultura por meio de apresentações artísticas.

Atividade 14: (4 aulas)

Teatro: A sala será dividida em três grupos. Cada grupo será responsável por um intervalo de leitura apresentado anteriormente e deverão dramatizar a história.

Não será obrigatório que façam diálogos idênticos aos da obra. Os alunos poderão adaptar a história. O objetivo maior é que o *bullying* e sua superação sejam evidenciados nas apresentações dos discentes. As apresentações poderão ser apreciadas pela Comunidade Escolar.

Atividade 15: (EXTRACLASSE)

Antes de iniciar a atividade, revisar o conceito de RELATÓRIO.

Visita à Aldeia Indígena – São Jerônimo da Serra

Registrar com fotografias, filmagens e anotações.

Posteriormente à visita, deverá ser feito um relatório sobre impressões acerca da visita, destacando o que mais apreciaram ou não durante a mesma e apresentar aos demais colegas.

4.2 SEGUNDA INTERPRETAÇÃO

A segunda interpretação visa um aprofundamento mais intenso da leitura. Para Cosson (2014, p.92) é “uma viagem guiada ao mundo do texto, a exploração desse enfoque.” Esta etapa é considerada “um ponto alto do letramento literário” e, com isso, Cosson nos revela que

[...] o aprofundamento que se busca realizar na segunda interpretação deve resultar em um saber coletivo que une a turma em um mesmo horizonte de leitura. É esse compartilhamento de leituras sem a imposição de uma sobre a outra, antes com a certeza de que a diversidade delas é necessária para o crescimento de todos os alunos, que constrói uma comunidade de leitores. É o reconhecimento de que uma obra literária não se esgota, antes se amplia e se renova pelas várias abordagens que suscita, que identifica o leitor literário (COSSON, 2014, p.94).

Partindo desses pressupostos, a segunda interpretação deste trabalho será o momento de conversa com o autor, por meio de web conferência. Neste ponto, os alunos já estarão bem envolvidos com a obra bem como com a intertextualidade executada durante este período.

Atividade 16: (4 aulas)

Em duplas, o aluno deverá elaborar duas questões que gostariam de fazer ao autor: uma, relacionada à obra; e outra, pessoal. Nesta atividade, será acordada, com o autor, uma data que ele disponibilize para a execução dessa atividade.

5. EXPANSÃO

Cosson (2014, p.95) relata que “o trabalho da expansão é essencialmente comparativo. Trata-se de colocar as duas obras em contraste e

confronto a partir de seus pontos de ligação”. Neste caso, a proposta de expansão é a leitura da obra *O guarani*, de José de Alencar, porém, numa versão adaptada pelo escritor Paulo Seben (2009), visto que tal obra encontra-se no acervo da biblioteca e torna-se acessível aos alunos.

Encontra-se também, no acervo da biblioteca, a versão em História em Quadrinhos da obra *O Guarani*, uma adaptação de Walter Vetillo (2009), que posteriormente também será utilizada como parte da atividade de expansão.

Confrontar o trabalho de um escritor indígena com a obra de um escritor indianista é desafiar o aluno a refletir acerca dos elementos que compõem a imagem do indígena no presente e no passado, evidenciando a genialidade de ambos os escritores, com o intuito de que seja capaz de reconhecer os momentos em que as histórias foram escritas, o porquê foram escritas, para que haja uma reflexão acerca do tempo e espaço delas.

A escolha por uma obra adaptada, no caso *O Guarani*, tem por justificativa o estímulo da leitura de clássicos que atualmente estão sendo repensados também para o público infanto-juvenil que visa oportunizar a leitura de cânones por meio de uma leitura adequada ao aluno do Ensino Fundamental II. Isso não desmerece a importância do original, porém oportuniza também o leitor iniciante a ter contato com obras que eram oferecidas somente aos alunos do Ensino Médio.

A obra adaptada em questão faz parte da coleção “É só o começo”, da L&P Editores, publicada em 2003, em parceria com o SESI, e que hoje é possível encontrar um acervo com nove títulos de escritores nacionais e estrangeiros, nas bibliotecas escolares de nosso país.

O escritor Luís Augusto Fischer foi o responsável pela coordenação do trabalho para que esta coleção fosse concretizada nos ambientes escolares e, para isso, elaborou um manual para o professor em 2011, cujo conteúdo justifica passo a passo a necessidade da inclusão dos clássicos no cotidiano de nossos alunos.

Em uma de suas justificativas, afirma que:

Se o professor estiver devidamente convencido da força que tem a imaginação – a dos alunos ali diante dele, mas também a dos escritores de outros tempos e circunstâncias -, os alunos por certo encontrarão motivos para experimentar dessa poção nada mágica,

mas profundamente humana, chamada literatura (FISCHER, 2011, p.6).

Para ele:

O objetivo geral de qualquer adaptação é oferecer a um leitor menos habilitado ou menos experiente (na língua escrita, na tradição literária ou em ambas) a oportunidade concreta de ler clássicos da literatura, de ter um primeiro e significativo contato com eles (FISCHER, 2011, p.10).

Tais justificativas, a meu ver, tornam-se pertinentes à realidade de nossos alunos, que, muitas vezes (ou quase sempre), possuem contato com algum tipo de literatura somente na escola e a inclusão desses clássicos, mesmo que adaptados, favorecem o despertar literário, ou como relembra o idealizador da coleção: “É só o começo”, porém um começo que deve acontecer, mesmo que, a princípio, seja munido de simplicidade, para que aos poucos se concretize em nosso aluno um efetivo reconhecimento de sua própria cultura e evolução interior, fazendo com que formemos um leitor que seja capaz de confrontar, criticar e avaliar o que lê.

Atividade 17: (EXTRACLASSE)

Nesta etapa será proposta a leitura da obra adaptada *O Guarani* de Paulo Seben (2009) e, após a leitura, os alunos serão instigados a perceber de que forma os autores retratam as características de um indígena em diferentes períodos e quais elementos podem ser analisados referente à linguagem, aos elementos da narrativa, à temática apresentada, evidenciando as mudanças ocorridas durante o período colonial até os nossos dias.

Atividade 18: (2 aulas)

Antes de iniciar a atividade proposta, o professor deve certificar-se se os alunos se recordam dos principais elementos da narrativa, fazendo uma revisão, caso seja necessário.

Com isso, os jovens discentes deverão registrar, no quadro abaixo, suas impressões acerca das obras lidas, as diferenças e semelhanças encontradas.

Ao final da atividade, o professor deve iniciar um debate para o enriquecimento das mesmas.

	O GUARANI	MEU VÔ APOLINÁRIO
Características físicas da personagem indígena		
Características psicológicas da personagem indígena		
Tempo em que se passa a história.		
Local em que se passa a história.		
Como o indígena é visto pelos não indígenas?		
Em ambas as obras, é despertada uma paixão. De que forma ela é retratada? Descreva suas percepções.		
Como foi ler esta obra? (Dificuldade na leitura, vocabulário etc..)		
Você percebeu estereótipos na leitura? Se afirmativo, dê exemplos.		
As obras em questão foram escritas em épocas diferentes e, com isso, existem alguns termos e expressões que podem causar estranheza no momento da leitura. Você percebeu alguma diferença na linguagem utilizada? Cite ao		

menos dois exemplos.		
----------------------	--	--

Para saber mais: o professor pode sugerir a leitura da obra *O Guaraní em quadrinhos* que é uma adaptação do autor Walter Véttilo(2009).

ANEXOS

ANEXO 1

Índios

Legião Urbana

Quem me dera ao menos uma vez
Ter de volta todo o ouro que entreguei a quem
Conseguiu me convencer que era prova de amizade
Se alguém levasse embora até o que eu não tinha

Quem me dera ao menos uma vez
Esquecer que acreditei que era por brincadeira
Que se cortava sempre um pano-de-chão
De linho nobre e pura seda

Quem me dera ao menos uma vez
Explicar o que ninguém consegue entender:
O que aconteceu ainda está por vir
E o futuro não é mais como era antigamente

Quem me dera ao menos uma vez
Provar que quem tem mais do que precisa ter
Quase sempre se convence que não tem o bastante
E fala demais por não ter nada a dizer

Quem me dera ao menos uma vez
Que o mais simples fosse visto como o mais importante
Mas nos deram espelhos
E vimos um mundo doente

Quem me dera ao menos uma vez
Entender como um só deus ao mesmo tempo é três
E esse mesmo deus foi morto por vocês
É só maldade então, deixar um deus tão triste

Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda
Assim pude trazer você de volta pra mim
Quando descobri que é sempre só você
Que me entende do início ao fim
E é só você que tem a cura pro meu vício
De insistir nessa saudade que eu sinto
De tudo o que eu ainda não vi

Quem me dera ao menos uma vez
Acreditar por um instante em tudo que existe
E acreditar que o mundo é perfeito
E que todas as pessoas são felizes

Quem me dera ao menos uma vez
Fazer com que o mundo saiba que seu nome
Está em tudo e mesmo assim
Ninguém lhe diz ao menos obrigado

Quem me dera ao menos uma vez
Como a mais bela tribo
Dos mais belos índios
Não ser atacado por ser inocente

Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda
Assim pude trazer você de volta pra mim
Quando descobri que é sempre só você
Que me entende do início ao fim
E é só você que tem a cura pro meu vício
De insistir nessa saudade que eu sinto
De tudo o que eu ainda não vi

Nos deram espelhos
E vimos um mundo doente
Tentei chorar e não consegui

Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/indios.html>>

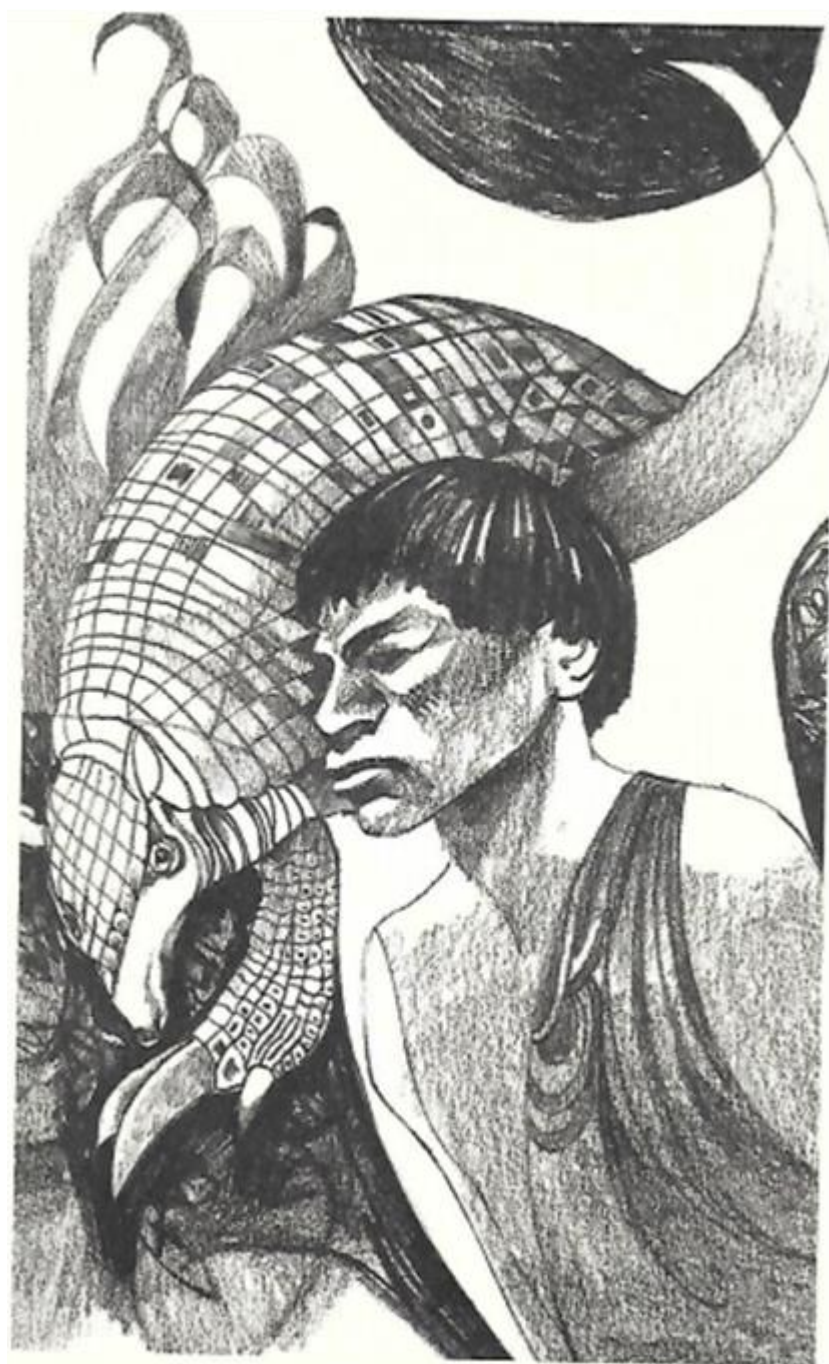
ANEXO 2

Este conto foi retirado da coletânea de Contos Indígenas Brasileiros, escrito por Daniel Munduruku (2005). Neste conto, ele explica a história do povo Munduruku.

Do mundo do centro da terra ao mundo de cima

Povo Munduruku (Mito Tupi)





No antigo tempo da criação do mundo com toda sua beleza, os *Munduruku* viviam dispersos, sem unidade e guerreando entre si. Era uma situação muito ruim que tornava a vida mais difícil e indócil. Foi aí que ressurgiu *Karú-Sakaibê*, o grande Criador, que já havia realizado tantas coisas boas para este povo.

Contam os velhos que foi ele quem criou as montanhas e as rochas soprando em penas fincadas ao chão. Eram também criações dele os rios, as árvores, os animais, as aves do céu e os peixes que habitam todos os rios e *igarapés*.

Karú-Sakaibê, tendo percebido que o povo que ele criou não estava unido, decidiu voltar para unificá-lo e lembrá-lo como havia sido trazido do fundo da terra quando ele decidiu enfeitar a terra com gente que pudesse cuidar da obra que criou.

Assim contam os velhos sobre a vinda dos *Munduruku* ao mundo de cima:

Karú-Sakaibê andava pelo mundo sempre em companhia de seu fiel amigo *Rairu*, que embora fosse muito poderoso, gostava de brincar e se divertir. Um dia, *Rairu* fez uma figura de tatu juntando folhas, gravetos e cipós. Era uma imitação perfeita. Tão perfeita que o jovem brincalhão resolveu colá-lo com resina feita com a cera de mel de abelha para que seu desenho nunca desaparecesse. Para secar a

resina Rairu enterrou seu "tatu" embaixo da terra deixando apenas o rabo para fora. Porém, quando ele tentou, depois de algum tempo, retirar sua mão do rabo não conseguiu, pois a resina havia secado e ele ficara grudado no rabo do tatu.

Como Rairu tinha um grande poder, deu vida ao desenho e este, em vez de querer sair do buraco, foi adentrando-se cada vez mais, carregando consigo o pobre rapaz preso ao seu rabo. Por mais que tentasse se soltar não conseguia. O tatu-desenho foi cada vez mais fundo e quando chegou ao centro da terra, Rairu encontrou muita gente que por lá morava. Tinha gente de todo jeito: algumas eram bonitas, outras eram feias; algumas eram boas e outras eram más e preguiçosas.

Rairu ficou tão impressionado com aquilo que decidiu sair rapidamente do buraco para contar a Karú-Sakaibê, que já devia estar preocupado com sua demora. E estava mesmo. Karú irritou-se tanto com seu companheiro que decidiu castigá-lo, batendo nele com um pedaço de pau. Para se defender o jovem contou sua aventura ao centro da terra e como ele havia encontrado gente lá. Estas palavras chamaram a



atenção de Karú, que decidiu trazer toda esta gente para o mundo de cima.

Rairu ainda perguntou como poderiam fazer isso se eles estavam tão longe. O herói criador nem sequer deu ouvido ao jovem. Começou a fazer uma pelota e enrolá-la na mão. Em seguida jogou a pelota no chão e imediatamente nasceu um pé de algodão. Colheu, então, o algodão e com suas fibras fez uma corda que passou na cintura de Rairu e ordenou que fosse ao centro da terra buscar as pessoas que lá ele vira.

Rairu desceu pelo mesmo buraco do tatu. Quando chegou reuniu todo mundo e falou das maravilhas que havia no mundo de cima e que queria que todos subissem pela corda para conhecer este novo mundo. Os primeiros a subir foram os feios e os preguiçosos, por que estes imaginavam que iam encontrar alimentos com muita facilidade e nunca mais precisariam trabalhar. Depois subiram os bonitos e formosos. No entanto, quando estes últimos já estavam quase alcançando o topo, a corda arrebentou e um grande número de gente bonita caiu no buraco e permaneceu vivendo no fundo da terra.

Como eram muitos, Karú-Sakaibê quis diferenciá-los uns dos outros. Para que uns fossem Munduruku, outros *Mura*, *Arara*, *Mawé*, *Panamá*, *Kaiapó* e assim por diante. Cada um seria de um povo diferente. Fez isso pintando uns de verde, outros de vermelho, outros de amarelo e outros de preto. No entanto, enquanto Karú pintava um por um, os que eram feios e preguiçosos adormeceram.

Esta atitude das pessoas feias irritou profundamente o herói criador. Como castigo por sua preguiça, Karú-Sakaibê os transformou em passarinhos, porcos-do-mato, borboletas e em outros bichos que passaram a habitar a floresta.

No entanto, àqueles que não eram preguiçosos ele disse:
— Vocês serão o começo, o princípio de novos tempos e seus filhos e os filhos de seus filhos serão valentes e fortes.

E para presenteá-los por sua lealdade, o grande herói preparou um campo, semeou e mandou chuva para regá-lo. E tão logo a chuva caiu nasceram a mandioca, o milho, o cará, a batata-doce, o algodão, as plantas medicinais e muitas outras que servem, até os dias de hoje, de alimento para esta gente. Ainda os ensinou a construir os fornos para preparar a farinha.

Contam nossos avós que foi assim que Karú-Sakaibê transformou a grande nação Munduruku num povo forte, valente e poderoso...

Glossário

Munduruku — Significa Formigas Gigantes ou Compridas por ser conhecido como um povo guerreiro e poderoso. Está presente nos estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso, totalizando aproximadamente 12 mil pessoas. Seu contato com a cidade já é de 250 anos e, apesar deste contato antigo, mantém sua cultura e tradição através de rituais e de sua língua.

Karú-Sakaibê — É dessa forma que o povo Munduruku denomina seu herói criador e civilizador.

Rairu — Era o fiel companheiro de Karú-Sakaibê, uma espécie de assistente na obra da criação.

Igarapé — Significa pequeno córrego. São braços de um grande rio, onde normalmente estão localizadas as aldeias Munduruku.

Mura, Mawé, Arara, Panamá, Kaiapó — Denominação de alguns povos indígenas que são vizinhos dos Munduruku.

ANEXO 3

As pegadas do Curupira

Daniel Munduruku

Esta aventura eu vivi quando tinha entre oito e dez anos, não me lembro bem do ano, mas foi muito marcante. Nessa época eu vivia na aldeia e lá a gente ouvia sempre muitas histórias da boca dos mais velhos. Era muito comum – e ainda hoje é assim – nos reunirmos ao cair do dia. Nossos pais ficavam sentados conversando sobre como havia sido o dia que estava terminando, enquanto nós crianças, ficávamos ali por perto brincando com as fagulhas das labaredas que saíam da fogueira. Era tudo muito divertido. E olha que a gente já tinha brincado o dia todo!

Mesmo ouvindo muitas histórias contadas pelos avós, a gente não dava grande atenção a elas, ainda que fossem histórias de arrepiar os cabelos. A gente pensava que tudo não passava de invenção dos mais velhos para assustar as crianças.

Nossos pais e nossos avós eram grandes conhecedores das coisas da floresta. Sabiam o caminho dos animais, sabiam a fala dos espíritos que habitam a mata, sabiam das notícias trazidas pelo vento e pelo fogo, a quem eles chamavam de parentes. E tudo isso eles passavam para nós na forma de narrativas que nos ajudavam a assimilar os costumes de nosso povo. Os mais velhos diziam que essas histórias eram muito antigas, que elas já tinham sido vivenciadas por nossos antepassados no tempo em que o tempo ainda não existia. Confesso que entendia muito pouco o que eles queriam dizer com isso, mas a gente estava lá para ouvir, como a nossa tradição sempre nos ensinara.

Só passei a dar mais importância a elas quando eu vivia uma experiência que marcou meu corpo e minha mente juvenis para sempre. Foi quando eu me encontrei com o curupira. Na realidade eu apenas vi suas pegadas, mas isso já foi o suficiente para nunca mais duvidar das palavras dos meus parentes.

Foi assim:

Era um dia como outro qualquer. Logo no início dele, íamos fazer o que sempre fazemos na aldeia: cuidar de nossa sobrevivência. Antes de sair para o

trabalho é comum, entre os do meu povo, tomar um banho matinal para espantar os maus espíritos que habitam o mundo dos sonhos. Lembro que nesse dia eu não quis tomar banho. Estava com muita preguiça e insisti com minha mãe que deixasse eu ficar sem banho apenas nesse dia. É claro que ela não gostou da ideia. Até contou para o meu pai.

— Você sabe por que a gente toma banho de manhã cedo, meu filho? - ele perguntou num tom professoral.

— Não é para espantar os maus espíritos, pai? – respondi com outra pergunta.

— Basicamente é essa a resposta certa. Sim. Mas existe também outro motivo que eu quero dizer para você.

— Qual?

— Nosso corpo é muito sensível. Se a gente cuida bem dele, ele cuida bem da gente. Se o maltratamos, ele fica doente e não consegue responder aos nossos desejos.

— E o que tem de novidade nisso, pai?

— Calma, filho. Quem fala depressa não diz tudo o que precisa. E você precisa aprender a ouvir também.

— Mas eu já ouvi tantas vezes essas histórias da influência dos espíritos sobre nosso corpo que...

— Se você acha que sabe tudo, meu jovem, então eu preciso me calar para ouvi-lo falar.

— Não é isso meu pai. Eu simplesmente não quero tomar banho matinal hoje. Não posso?

— Se você quer não querer, não sou eu quem irá impedi-lo disso. Apenas fique atento durante o seu dia.

Dito isso, meu pai passou carinhosamente a mão sobre minha cabeça. Não senti nenhum tom de reprovação em sua voz. Ele simplesmente atendeu ao meu pedido.

Em seguida fomos tomar nossa primeira refeição do dia, que normalmente é mingau de banana, café com farinha de tapioca, macaxeira cozida. Algumas vezes, dependendo da época, também há frutas, como abacaxi, melancia, goiaba entre outras.

Logo depois nos pusemos a caminhar. Fomos à roça para plantar mandioca, coletar frutas e fazer farinha. Nosso roçado normalmente não fica perto da aldeia. Para chegar a ele temos que seguir uma longa trilha e para aproveitar o dia, especialmente a manhã, quando o sol não está tão escaldante. Dependendo da época do ano, à tarde a chuva cai de repente e a gente não consegue fazer quase nada.

Fomos bem cedo e chegamos à roça, nessa hora soprava um vento muito fresco. Minha mãe costumava dizer que era o vento da madrugada e despedia de nós.

Logo ao chegarmos cada grupo começou a realizar sua tarefa: as meninas saíram para coletar frutas na mata próxima, as mulheres mais velhas foram arrancar ou plantar mandioca para fazer farinha, e as crianças, como eu, acompanharam ora um grupo, ora outro. Mas o que a gente gostava mesmo era de brincar de caçada ou correr atrás dos calangos que habitam essas regiões próximas aos roçados de queimada. Aí eles encontram alimento em abundância. Também vão para lá macacos, antas, cotias, caititus e pássaros de muitas espécies diferentes. É claro que eles só vão lá quando não tem ninguém para perturbar. Mesmo assim gostávamos de persegui-los, ao menos em nossa imaginação.

Éramos cinco crianças nesse dia. Estávamos explorando os arredores da roça. Ao largo podíamos ver nossas mães e nossas vós trabalhando. Tudo estava muito tranquilo e seguro.

De repente, no final da tarde, ouvimos um assobio que vinha do meio da mata. Parecia que alguém estava anunciando sua chegada. Um de nossos amigos sugeriu que devíamos ir ao encontro da pessoa, pois certamente seria o tio ou o primo de um de nós chegando de uma caçada de verdade.

Todos toparam, então entramos um pouco mais na floresta. O assobio continuava forte, parecia que estava ainda mais perto da gente.

Continuamos andando, entrando um pouco mais na mata.

— Quem vem aí? – gritou um dos amigos mais velhos.

Nada. Nenhuma resposta. Só ouvimos o silêncio.

— Quem vem aí? Responda, senão vou atirar – blefou outro companheiro.

Mais silêncio.

Quando já estávamos dispostos a voltar do roçado, o mais novo do grupo saiu em disparada para o meio do mato.

— Vejam, vejam o que tem aqui!

Corremos ao encontro dele e então eu vi com estes olhos que a terra há de comer: eu vi pegadas humanas. Olhamos todos para elas e mais adiante vimos uma pessoa que seguia rumo ao interior da mata. Nos entreolhamos, meio que nos perguntando o que fazer. Enquanto os meninos maiores ficavam aí, parados, o pequeno curumim já se lançava no rumo das pegadas. Não pensamos duas vezes e corremos em seu encalço, sem nos preocupar em marcar o caminho que estávamos seguindo.

— Vejam as pegadas –alguém observou.

— Estão de trás pra frente. Como se a pessoa tivesse vindo na nossa direção.

Depois de uma longa caminhada, paramos exaustos. Nós cinco suávamos tanto e tínhamos tanta sede que, mal ouvimos o barulho de uma queda d'água, nos precipitamos para lá sem nos dar conta de que era mais um truque do estranho que perseguíamos. Só podia ser o curupira. Quanto mais parecia que nos aproximávamos da água que caía, mais longe ela ficava.

Logo o curumim começou a reclamar de cansaço. Disse que queria voltar. Foi então que nos deparamos com a terrível realidade: estávamos perdidos. E agora? O que fazer? Como encontrar o caminho de volta?

O mais velho entre nós pediu calma. Era preciso pesar os prós e os contras da situação em que nos encontrávamos. Era preciso, agora, recordar os ensinamentos que nossos pais nos passaram e tentar colocá-los em prática. De antemão sabíamos que seria impossível encontrar o caminho de volta, pois a noite em breve cobriria toda a floresta. Começamos a ficar com medo.

— Não adianta nos apavorarmos agora –disse Tawê do alto de seus doze anos.

— E o que iremos fazer? Conte, primo, seu plano – pediu em tom desesperado o pequeno Karu.

— Vamos ter que nos virar por aqui mesmo. Tenho certeza que nossos pais virão à nossa procura.

— E o que devemos fazer então, para não sermos comidos pelas feras ou pelos espíritos devoradores de alma? – Perguntou Krepê, ainda mais apavorado.

— Vamos aproveitar a claridade do sol que nos resta. Primeiro temos que escolher um lugar para montar nosso acampamento. Não pode ser um lugar muito aberto para não nos tornarmos presas fáceis. Depois temos que encontrar a árvore repelente e passar seu óleo em nosso corpo, pra espantar os mosquitos.

— E o que iremos comer? Tô com tanta fome! – Karu reclamou.

— Por enquanto não temos nada pra comer, mas logo poderemos aproveitar algumas frutas que vi pelo caminho. Só podemos pensar em comida depois.

E assim fizemos. Nos dividimos em dois grupos. Enquanto um ia atrás de gravetos para acender uma fogueira, o outro ia procurar palha para cobrir nossa casa improvisada.

Essa foi uma noite horrível. Ninguém conseguiu dormir direito. O tempo todo ouvimos os passos das onças à procura de alimento. Vez ou outra escutávamos a risada do curupira zombando da gente. Também ouvimos gente falando, embora tivéssemos a tentação de responder, não podíamos, pois sabíamos que se tratava de truques dos espíritos da noite tentando nos localizar para nos devorar.

Nunca passei por apuro tão grande! Nunca tive tanto medo! Não vai a hora de o dia raiar para que pudéssemos ser encontrados pelos adultos, que a essa altura já deviam estar também desesperados por nós.

Finalmente o dia amanheceu. Não sabemos como, mas conseguimos sobreviver. Imediatamente nos pusemos a andar, tentando encontrar vestígios do caminho percorrido. Fizemos isso por várias horas sem muita sorte. Por volta do meio-dia decidimos parar. Nossos pés estavam doloridos e o corpo, suado. Logo em seguida já nos pusemos a caminho pois estávamos decididos a voltar para casa antes que a noite chegasse novamente.

Tawê decidiu subir numa árvore bem alta para ver se conseguia reconhecer o local. Desceu decepcionado, mas com uma boa notícia: o rio parecia não estar muito longe daí. Lembramos imediatamente dos

ensinamentos dos velhos que dizem que os rios sempre nos levam para algum lugar. Torcíamos para que esse nos levasse pra casa.

Quando chegamos ao rio, um alívio tomou conta da gente. Pudemos nos lavar e refrescar. Nossos corpos suados perdiam isso. Decidimos descer o rio na direção do pôr-do-sol coma certeza de que chegaríamos, assim, em casa. Por aproximadamente duas horas tomamos esse rumo. Todos estávamos apreensivos e caminhamos em silêncio, como a imaginar o que seria passar outra noite nessa floresta.

No entanto, para nossa alegria, ouvimos alguém gritando nosso nome. Parecia que essa pessoa vinha subindo o rio. Corremos o mais que pudemos ao encontro da voz. Não era só uma pessoa. Eram nossos pais! Eles nos avistaram e vieram correndo. Nos abraçaram como nunca e louvaram nossa coragem, mas não deixaram de nos repreender por nossa distração.

Nossa chegada à aldeia foi motivo de muita festa e , é claro, falação. Alguns nos elogiavam, outros nos criticavam, outros criticavam nossas mães pelo erro que tinham cometido ao nos deixarem sozinhos. De qualquer maneira, foi uma experiência inacreditável, que guardo comigo até hoje. Experiência que me ensinou a ficar mais atento aos conselhos e às palavras dos mais velhos.

De noite, o homem mais velho da aldeia nos lembrou que tínhamos tido sorte pois conseguimos escapar dos encantos do curupira e ele, o curupira nunca erra duas vezes.

MUNDURUKU, Daniel. Histórias que eu vivi e gosto de contar. *In: As pegadas do curupira*. São Paulo: Callis Ed., 2006.

ANEXO 4

Nas águas do tempo

Mia Couto

Meu avô, nesses dias, me levava rio abaixo, enfilado em seu pequeno concho. Ele remava, devagaroso, somente raspando o remo na correnteza. O barquito cabecinhava, onda cá, onda lá, parecendo ir mais sozinho que um tronco desabandonado.

— Mas vocês vão aonde? Era a aflição de minha mãe. O velho sorria. Os dentes, nele, eram um artigo indefinido. Vovô era dos que se calam por saber e conversam mesmo sem nada falarem.

— Voltamos antes de um agorinha, respondia.

Nem eu sabia o que ele perseguia. Peixe não era. Porque a rede ficava amolecendo o assento. Garantido era que, chegada a incerta hora, o dia já crepusculando, ele me segurava a mão e me puxava para a margem. A maneira como me apertava era a de um cego desbengalado. No entanto, era ele quem me conduzia, um passo à frente de mim. Eu me admirava da sua magreza direita, todo ele musculíneo. O avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver.

Entrávamos no barquinho, nossos pés pareciam bater na barriga de um tambor. A canoa solavanqueava, ensonada. Antes de partir, o velho se debruçava sobre um dos lados e recolhia uma aguinha com sua mão em concha. E eu lhe imitava.

— Sempre em favor da água, nunca esqueça! Era sua advertência. Tirar água no sentido contrário ao da corrente pode trazer desgraça. Não se pode contrariar os espíritos que fluem. Depois viajávamos até ao grande lago onde nosso pequeno rio desaguava. Aquele era o lugar das interditas criaturas. Tudo o que ali se exibia, afinal, se inventava de existir. Pois, naquele lugar se perdia a fronteira entre água e terra. Naquelas inquietas calmarias, sobre as águas nenufaralhudas, nós éramos os únicos que preponderávamos.

Nosso barquito ficava ali, quieto, sonecando no suave embalo. O avô, calado, espiava as longínquas margens. Tudo em volta mergulhava em cacimbações, sombras feitas da própria luz, fosse ali a manhã eternamente ensonada. Ficávamos assim, como em reza, tão quietos que parecíamos perfeitos.

De repente, meu avô se erguia no concho. Com o balanço quase o barco nos deitava fora.

O velho, excitado, acenava. Tirava seu pano vermelho e agitava-o com decisão. A quem acenava ele? Talvez era a ninguém. Nunca, nem por instante, vislumbrei por ali alma deste ou de outro mundo. Mas o avô acenava seu pano.

— Você não vê lá, na margem? Por trás do cacimbo?

Eu não via. Mas ele insistia, desabotoando os nervos.

— Não é lá. É láááá. Não vê o pano branco, a dançar-se?

Para mim havia era a completa neblina e os receáveis aléns, onde o horizonte se perde. Meu velho, depois, perdia a miragem e se recolhia, encolhido no seu silêncio. E regressávamos, viajando sem companhia de palavra.

Em casa, minha mãe nos recebia com azedura. E muito me proibia, nos próximos futuros. Não queria que fôssemos para o lago, temia as ameaças que ali moravam. Primeiro, se zangava com o avô, desconfiando dos seus não propósitos. Mas depois, já amolecida pela nossa chegada, ela ensaiava a brincadeira:

— Ao menos vissem o namwetxo moha! Ainda ganhávamos vantagem de uma boa sorte... O namwetxo moha era o fantasma que surgia à noite, feito só de metades: um olho, uma perna, um braço. Nós éramos miúdos e saíamos, aventureiros, procurando o moha. Mas nunca nos foi visto tal monstro. Meu avô nos apoucava.

Dizia ele que, ainda em juventude, se tinha entrevisto com o tal semifulano. Invenção dele, avisava minha mãe. Mas a nós, miudagens, nem nos passava desejo de duvidar.

Certa vez, no lago proibido, eu e vovô aguardávamos o habitual surgimento dos ditos panos. Estávamos na margem onde os verdes se encançam, aflautinados. Dizem: o primeiro homem nasceu de uma dessas canas. O primeiro homem? Para mim não podia haver homem mais antigo que

meu avô. Acontece que, dessa vez, me apeteceu espreitar os pântanos. Queria subir à margem, colocar pé em terra não firme.

— Nunca! Nunca faça isso! O ar dele era de maiores gravidades. Eu jamais assistira a um semblante tão bravio em meu velho. Desculpei-me: que estava descendo do barco mas era só um pedacito de tempo. Mas ele ripostou:

— Neste lugar, não há pedacitos. Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades.

Eu tinha um pé meio-fora do barco, procurando o fundo lodoso da margem. Decidi me equilibrar, busquei chão para assentar o pé. Sucedeu-me então que não encontrei nenhum fundo, minha perna descia engolida pelo abismo. O velho correu-me e me puxou. Mas a força que me sugava era maior que o nosso esforço. Com a agitação, o barco virou e fomos dar com as costas posteriores na água. Ficámos assim, lutando dentro do lago, agarrados às abas da canoa. De repente, meu avô retirou o seu pano do barco e começou a agitá-lo sobre a cabeça. — Cumprimenta também, você! Olhei a margem e não vi ninguém. Mas obedeci ao avô, acenando sem convicções. Então, deu-se o espantável: subitamente, deixámos de ser puxados para o fundo. O remoinho que nos abismava se desfez em imediata calmaria. Voltámos ao barco e respirámos os alívios gerais. Em silêncio, dividimos o trabalho do regresso. Ao amarrar o barco, o velho me pediu:

— Não conte nada o que se passou. Nem a ninguém, ouviu? Nessa noite, ele me explicou suas escondidas razões. Meus ouvidos se arregalavam para lhe decifrar a voz rouca. Nem tudo entendi.

No mais ou menos, ele falou assim: nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos.

— Me entende? Menti que sim. Na tarde seguinte, o avô me levou uma vez mais ao lago. Chegados à beira do poente ele ficou a espreitar. Mas o tempo passou em desabitual demora. O avô se inquietava, erguido na proa do barco, palma da mão apurando as vistas. Do outro lado, havia menos que

ninguém. Desta vez, também o avô não via mais que a enevoadada solidão dos pântanos. De súbito, ele interrompeu o nada:

— Fique aqui! E saltou para a margem, me roubando o peito no susto. O avô pisava os interditos territórios? Sim, frente ao meu espanto, ele seguia em passo sabido. A canoa ficou balançando, em desequilíbrio com meu peso ímpar. Presenciei o velho a alonjar-se com a descrição de uma nuvem. Até que, entre a neblina, ele se declinou em sonho, na margem da miragem. Fiquei ali, com muito espanto, tremendo de um frio arrepioso. Me recordo de ver uma garça de enorme brancura atravessar o céu. Parecia uma seta trespassando os flancos da tarde, fazendo sangrar todo o firmamento. Foi então que deparei na margem, do outro lado do mundo, o pano branco. Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano. Enquanto ainda me duvidava foi surgindo, mesmo ao lado da aparição, o aceno do pano vermelho do meu avô. Fiquei indeciso, barafundado.

Então, lentamente, tirei a camisa e agitei-a nos ares. E vi: o vermelho do pano dele se branqueando, em desmaio de cor. Meus olhos se neblinaram até que se poentaram as visões. Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu velho avô: a água e o tempo são irmãos gémeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem.

COUTO, Mia. ***Estórias Abensonhadas***. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *O Guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *O Guarani*. Adaptação de Paulo Seben. Porto Alegre: L&PM, 2009.

_____. *O Guarani em quadrinhos*. Adaptação de Walter Vetillo. São Paulo: Cortez, 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. *O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

_____. *Tempo de histórias*. São Paulo: Moderna, 2005.

_____. *Contos indígenas brasileiros*. São Paulo: Global, 2005.

_____. *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. São Paulo: Studio Nobel, 2005.

_____. *Um estranho sonho de futuro: casos de índio*. São Paulo: FTD, 2006.

_____. *Histórias que eu vivi e gosto de contar*. São Paulo: Callis Ed., 2006.

_____. *Memórias de índio: uma quase autobiografia*. Porto Alegre: Edelbra, 2016.